



DA FILOSOFIA DO DIREITO E DAS LETRAS

Carl Schmitt, o estado de exceção e a literatura

Carl Schmitt (1888–1985) é um nome que conheço há mais de três décadas. Era eu ainda estudante. Por isso, frequentava todos os dias úteis da semana o vetusto edifício onde funcionava o Tribunal Popular Revolucionário e estava igualmente instalada a única Faculdade de Direito em Luanda, hoje sede do Ministério das Relações Exteriores

Luís Kandjimbo

Foi nas aulas da cadeira de Direito Estatal, disciplina então competentemente ministrada pelo falecido professor Adérito Correia (1948–2017), no segundo ano do curso de Direito.

Seguindo com atenção as suas interessantes lições e lendo a sebenta policopiada, chegavam-me pela primeira vez as referências ao controverso constitucionalista alemão cujas ideias parecem hoje ter muitos admiradores entre os juristas angolanos.

Foi um eminente filósofo e jurista, durante a vigência da República de Weimar. Mas com a chegada ao poder do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães converteu-se aos ideais nazis dessa força política, em 1933, ano em que Martin Heidegger, outro filósofo alemão também aderiu ao nazismo. E nas décadas seguintes Carl Schmitt tornou-se célebre pelas suas ligações ao regime nazi, tendo sido presidente da associação dos juristas dessa organização política. Foi professor de direito na Universidade de Berlim entre 1933 e 1945. Após a derrota de Hitler e o fim da Segunda Guerra Mundial foi preso pelas forças americanas que ocuparam a Alemanha, tendo sido poupado durante o julgamento de Nuremberga. Morreu em 1985. Na década de 90 do século passado, a sua obra começou a atrair o interesse dos círculos académicos nos Estados Unidos e na Europa.

Na referida sebenta do professor Adérito Correia, o nome do constitucionalista alemão era citado a propósito da teoria do amigo/inimigo político e do estado de exceção. Revisitei o pensamento do constitucionalista alemão, já lá vão quinze anos, para conduzir uma reflexão temática no domínio da filosofia. Tratava-se exactamente do problema da soberania quem e parece apaixonante abordar com recurso à interpretação dos provérbios angolanos, quando se discute a relação entre a literatura e o direito. Há quase um século, Carl Schmitt tematizou o conceito de soberania em três livros: “Ditadura”; “Teologia Política”; “Conceito de Político e Teoria do Partisan”.

A sua definição de soberania formulada no livro inaugural daquilo a que designa por teologia política, assenta numa formulação lapidar. “Soberano é aquele que decide em estado de exceção”. No seu entender, a definição de soberania tem conexão com o caso-limite e não com a rotina. A declaração de um estado emergencial ou de calamidade pública, vivida hoje a nível global, no contexto da pandemia a que se convencionou chamar Covid-19 pressupõe a existência de um “estado de exceção”. A necessidade de demonstrá-lo levou Carl Schmitt à literatura, em busca de analogia. E como é que ele faz este exercício?

Vai buscar o exemplo do

caso-limite às situações e personagens de um conto do escritor norte-americano Herman Melville com o título “Benito Cereno”. Ao trazer o exemplo, Carl Schmitt, eminente jusfilósofo, revela a sua incompetência em matéria de hermenêutica literária. Ao mesmo tempo, manifesta as suas profundas convicções anti-semitas e racistas num livro escrito durante o período em que esteve preso nas cadeias das forças americanas, após a queda do regime nazi. O título é o seguinte: “Ex Captivitate Salus: Experiências do Período de 1945 a 1947”. O seu sentido da expressão em latim remete para a segurança de alguém que se encontra em situação carcerária.

Nesse livro, Carl Schmitt reitera a sua simpatia por Benito Cereno, uma personagem criada pelo escritor norte-americano Herman Melville (1819–1891), também autor do célebre romance “Moby Dick”. Mas já em 1938, quando celebrava o seu quinquagésimo aniversário, Carl Schmitt se tinha identificado com Benito Cereno. Tal identificação derivava do facto de se autointitular como o último professor, aluno e representante consciente do direito público europeu. Por isso, imaginava-se como personagem da estória narrada por Herman Melville.

Herman Melville recupera na totalidade o material narrativo de Amasa Delano, capitão de um navio baleeiro.

É uma narrativa de viagem datada de 1817 e assinada por esse capitão que navegava pelas águas do oceano Pacífico, quando ele e a sua tripulação avistaram o Tryal, um navio espanhol, sob controlo de africanos em rebelião que se encontrava sem provisões.

Na sua reconstituição, Herman Melville constrói uma voz narrativa que inverte o presumível destino dos africanos confinados no navio espanhol que se dedicava ao tráfico de escravizados. Sob a liderança de Babo, os africanos realizam uma operação bem sucedida, decapitando o capitão e parte da tripulação do navio San Dominick, mantendo outros encarcerados. Para escaparem à vigilância de outros navios e evitar a captura, Babo ameaça igualmente o capitão espanhol, Benito Cereno, entre outros sobreviventes ibéricos.

Essa ameaça de decapitação vivida por Benito Cereno e a experiência de sobrevivência inspira a simpatia de leitores como Carl Schmitt. Mas, numa leitura diferente parece evidente que o protagonista da estória são os africanos escravizados. São eles os agentes do acontecimento excepcional que expõe o marinheiro espanhol aquilo que para Carl Schmitt parece ser o caso-limite.

A apropriação da personagem de Benito Cereno por parte de Carl Schmitt é um atalho para a compreensão do fenómeno de recepção da obra de Herman Melville na Alemanha dos anos 30 e 40

do século XX. Nesse tempo, invocava-se a narrativa de Melville como uma alegoria política. Na história da tradução da sua obra, refere-se que os intelectuais alemães da época estabeleciam uma comparação paradoxal do perfil de Babo, o líder dos africanos em insurreição no navio espanhol San Dominick, com a figura satânica de Hitler. No entanto, os africanos revoltados que durante meses habitavam o referido navio pretendiam libertar-se, tomar o controlo do navio e iniciar o regresso ao Senegal e às suas terras de origem na África Ocidental. Por essa razão, nada há de verosímil entre Babo e Hitler.

Portanto, a gesta predominante não é de Benito Cereno. Quer na sua fonte quer na versão reconstruída por Herman Melville, a causa nobre reside na luta pela liberdade da pessoa humana estigmatizada por razões contingentes do seu fenótipo. O espanhol não era vítima. Ao invés, era ele o algoz.

O estado de exceção vivido pelos africanos escravizados, em pleno oceano Pacífico, analisa-se no facto deterem tomado o controlo do navio “negreiro” para reverter a sua marcha. Disso Herman Melville tem consciência porque introduz um conjunto de simbolismos que têm fundamento histórico. Um destes simbolismos é a denominação do navio. Na narrativa de Amasa Delano que é a sua fonte, o navio tem a designação de Tryal. Na sua versão narrativa

Herman Melville adopta uma estratégia ficcional que não é casual. A narrativa autobiográfica de Amasa Delano reporta-se a 1805. Já a versão de Herman Melville situa-se no longínquo ano de 1799, ano em que “o capitão Amasa Delano, de Duxbury, no Massachusetts, comandando um grande navio mercante e pescador de mamíferos marinhos, ancorava, com uma carga valiosa, no porto de Santa Maria”. San Dominick é a denominação anglicizada do navio. Em espanhol seria San Domingo.

Ora, San Domingo, na sua versão francesa Saint-Domingue, é o topónimo da ilha onde triunfa a primeira república de africanos escravizados no espaço insular das Caraíbas que passará a ser o Haiti. É legítimo concluir que Herman Melville, explorando o navio como metáfora de campo de conflito, com a personagem de Babo fazia alusão à figura de Toussaint Louverture, um líder africano da revolução do Haiti de 1791.

Portanto, na crítica e nos estudos da obra de Herman Melville, as controvérsias apontam, tendencialmente, para esta conclusão. O conto em apreço é uma denúncia da ideologia racista e suas manifestações. Babo é o líder da insurreição que eclode a bordo do San Dominick, em contexto de estado de exceção, representa a realização epifânica da soberania, tal como Toussaint Louverture na revolução do Haiti.

TOMADA DE POSSE DA NOVA DIRECÇÃO

Academia de Letras quer participar na definição da política linguística

A Academia Angolana de Letras, cujos novos corpos sociais – mesa da assembleia geral, direcção e conselho fiscal – tomaram posse no passado dia 5, no Memorial Dr. António Agostinho Neto, pretende ser uma referência obrigatória no país, sobretudo na definição da política linguística. No discurso de tomada de posse como presidenteda instituição, Paulo de Carvalho adiantou que no programa de acção para o quadriénio 2020-2024 consta a realização de um encontro sobre a “Política Linguística em Angola”. Embora reconheça a “espinhosa” tarefa que tem pela frente, o académico espera encontrar soluções práticas face aos desafios que se apresentam

MOTA AMBRÓSIO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Analtino Santos

A realização de mesas – rondas sobre assuntos da actualidade, além de encontros com académicos e a criação de uma revista constam das prioridades da nova direcção da Academia Angolana de Letras (AAL).

Ao discursar para uma plateia de pouco mais de 30 pessoas, devido às medidas de prevenção da Covid-19, o novo presidente da AAL disse que no programa de acção para o quadriénio 2020-2024 consta, igualmente, a realização de encontros sobre as “Línguas Nacionais”, “Toponímia e Identidade Nacional”, “Angolanismos na Língua Portuguesa” e “ANorma Linguística do Português de Angola”.

Para o sociólogo Paulo de

Carvalho, apesar de ser um órgão da sociedade civil, criada há quatro anos, mais concretamente em Setembro de 2016, a AAL, que reúne no seu seio 43 académicos, deve primar pelo rigor na selecção dos associados. O novo presidente destacou, igualmente, os esforços positivos implementados pela anterior direcção, no mandato (2016-2020), sob o comando do escritor Boaventura Cardoso, coadjuvado pelos escritores Pepetela e Henrique Guerra.

Acordo Ortográfico desfavorável

Paulo de Carvalho, sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, assinou que na primeira declaração da AAL a respeito, aprovada no dia 10 de Outubro de 2018, os académicos

manifestaram-se desfavoráveis à sua ratificação por parte do Estado angolano. Nesta declaração, de acordo com o presidente da Academia de Letras, está expresso que para ser ratificado, o acordo ortográfico teria de considerar a “importância das Línguas Nacionais como factor de Identidade Nacional, bem como a necessidade de coexistência entre todas as línguas faladas no país”.

Considerou que “a escrita de vocábulos, cujos étimos provenham da Língua Bantu, se faça em conformidade com as normas da ortografia dessas línguas”.

Segundo o académico, as palavras de incentivo aos associados da AAL “obrigam cada um dos integrantes a um esforço e uma participação redobrada, no sentido de executarmos na íntegra

o programa de acção”. Durante o mandato de quatro anos, disse, prevê-se incrementar a cooperação com as academias de letras da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

A alteração das leis que regem a AAL, de modo a se adequem ao momento e aos novos desafios, é, também, para Paulo de Carvalho, uma das metas do seu mandato. “Queremos que a academia seja defensora activa da cultura, das letras e da identidade angolana”, assegurou.

Responsabilidades

Segundo o sociólogo, o programa de acção da AAL “é um pouco ambicioso” por considerar, à partida, que cada um dos membros deve realizar, ao menos, uma actividade sob sua responsabilidade, em cada ano civil.



Para ser ratificado, o acordo ortográfico teria de considerar a importância das Línguas Nacionais como factor de Identidade Nacional, bem como a necessidade de coexistência entre todas as línguas faladas no país

“Esta é a primeira meta que pretendemos alcançar, de modo que faço um apelo a cada um dos académicos

para nos juntarmos à causa das letras angolanas”.

A juventude angolana não foi esquecida. Paulo de Carvalho sublinhou que as gerações vindouras precisam tomar conhecimento da História das Letras Angolanas. “Quem, melhor do que nós, estará em condições de lhes passar este conhecimento?”, questionou.

Esse legado, disse, passa pela realização de palestras, conferências e debates sobre temas ligados à literatura. Outro desafio é a realização de saraus com poesia e música cuja lírica possua valor poético. Ainda no quadro das mesas-redondas está prevista a realização de eventos sobre o “Papel das Autoridades Tradicionais”, “História da Literatura Angolana” e “Os Estados Sociais Angolanos”.

Tributo aos artífices das letras e das ciências sociais

MOTA AMBRÓSIO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Paulo de Carvalho fez referência ao “orgulho” de a AAL possuir, no seu seio, um grupo de escritores e de investigadores de renome internacional e rendeu homenagem a algumas figuras “ímpares das letras e do nacionalismo angolano”.

O académico homenageou o poeta António Agostinho Neto, fundador da União dos Escritores Angolanos (UEA), patrono da Academia Angolana de Letras e detentor da primeira carteira da instituição. Foram ainda rendidos tributos aos escritores Cordeiro da Matta, Pedro Félix Machado, Pedro da Paixão Franco, Francisco Castelbranco, Alfredo Trony, António de Assis Júnior, Urbano de Castro e aos autores anónimos do livro “A Voz de Angola Clamando no Deserto”. (O livro “A Voz de Angola Clamando no Deserto”, publicado em 1901, é uma colectânea de artigos, escritos por onze intelectuais angolanos, como resposta colectiva contra uma matéria de teor racista publicada pela “Gazeta de Loanda”. É tido como documento precursor da luta de libertação nacional).

O presidente da AAL prestou também homenagem aos ícones da Literatura

Angolana reunidos em torno do Movimento Vamos Descobrir Angola: Viriato da Cruz, Agostinho Neto, António Jacinto, Mário António e Aires de Almeida Santos. Segundo Paulo de Carvalho, numa fase posterior da Literatura Angolana despontaram nomes como os de Luandino Vieira, Pepetela, Wanyenga Xitu, Manuel Rui, Boaventura Cardoso, Jofre Rocha, Antero de Abreu, Arnaldo Santos, Ernesto Lara Filho, Raul David, Arlindo Barbeitos, Jorge Macedo, Adriano Botelho Vasconcelos e João Melo.

A nova direcção da AAL destacou também José Mena Abrantes, Ana Paula Tavares, Henrique Guerra, Mário Guerra, Ruy Duarte de Carvalho e Henrique Abranches. Fez ainda menção a Brigada Jovem de Literatura, com figuras de proa como Lopito Feijó, João Maimona, José Luís Mendonça, Carmo Neto, Cikakata Mbalundu, Luís Kandjimbo, António Panguila, Sílvio Peixoto e António Gonçalves.

Literatura moderna

Outras figuras da literatura angolana destacadas por Paulo de Carvalho são Roderick Nehone, José Eduardo Agualusa, Luís Fernando,

Albino Carlos e Ondjaki.

No domínio da recolha literária oral, Paulo de Carvalho apontou os escritores José Samuila Kakweji e António Fonseca, este último com o seu inigualável programa radiofónico “Antologia”. Na literatura infanto-juvenil, disse, despontaram Maria Eugénia Neto, Dario de Melo, Octaviano Correia, Rosalina Pombal, Cremilda de Lima, Maria Celestina Fernandes e Gabriela Antunes.

Em relação à crítica e aos estudos literários, na sua visão, despontaram os nomes de Carlos Ervedosa, Mário António, David Mestre, Luís Kandjimbo, Nelson Pestana “Bonavena”, Irene Guerra Marques, Jorge Macedo e António Quino. Nos estudos sociais angolanos, o presidente da AAL mencionou como destaques Mário Pinto de Andrade e Óscar Ribas; Victor Kajibanga, Ruy Duarte de Carvalho, Virgílio Coelho, Fátima Viagas, Arlindo Barbeitos, Filipe Zau, José Octávio Van-Dúnem, Ilídio do Amaral, José Carlos Venâncio e Carlos Serrano. E na linguística fez menção a Vatomene Kukanda, Amélia Mingas, Zavoni Ntongo, José Pedro e Alexandre Chicuna.



Continuidade de acção

O presidente da Comissão Eleitoral, Roberto de Almeida, pediu à direcção da AAL “dedicação e empenho”, como forma de dar continuidade aos programas existentes.

A reactivação e dinamização das actividades regulares, disse, deve constar das prioridades dos novos corpos sociais. O ressurgir da Academia de Letras, na sua óptica, pressupõe fazer um diagnóstico dos principais problemas e criar mecanismos para a sua plena funcionalidade.

Roberto de Almeida, que manifestou o desejo de ver os académicos unidos em prol do programa de acção, disse esperar que a direcção possa realizar os propósitos que levaram à criação da AAL. A vantagem de ser uma instituição composta por intelectuais, segundo afirmou, é almejar que a mesma cumpra os seus objectivos.

O presidente cessante da AAL, Boaventura Cardoso, lembrou que, há quatro anos, um dos grandes desafios dos académicos era a dignificação das línguas nacionais, da literatura e os estudos sociais, honrando “o génio criador e inventivo do angolano”.

Para Boaventura Cardoso, os mesmos propósitos devem continuar. Garantiu que vai empregar todo o seu saber em prol do apro-

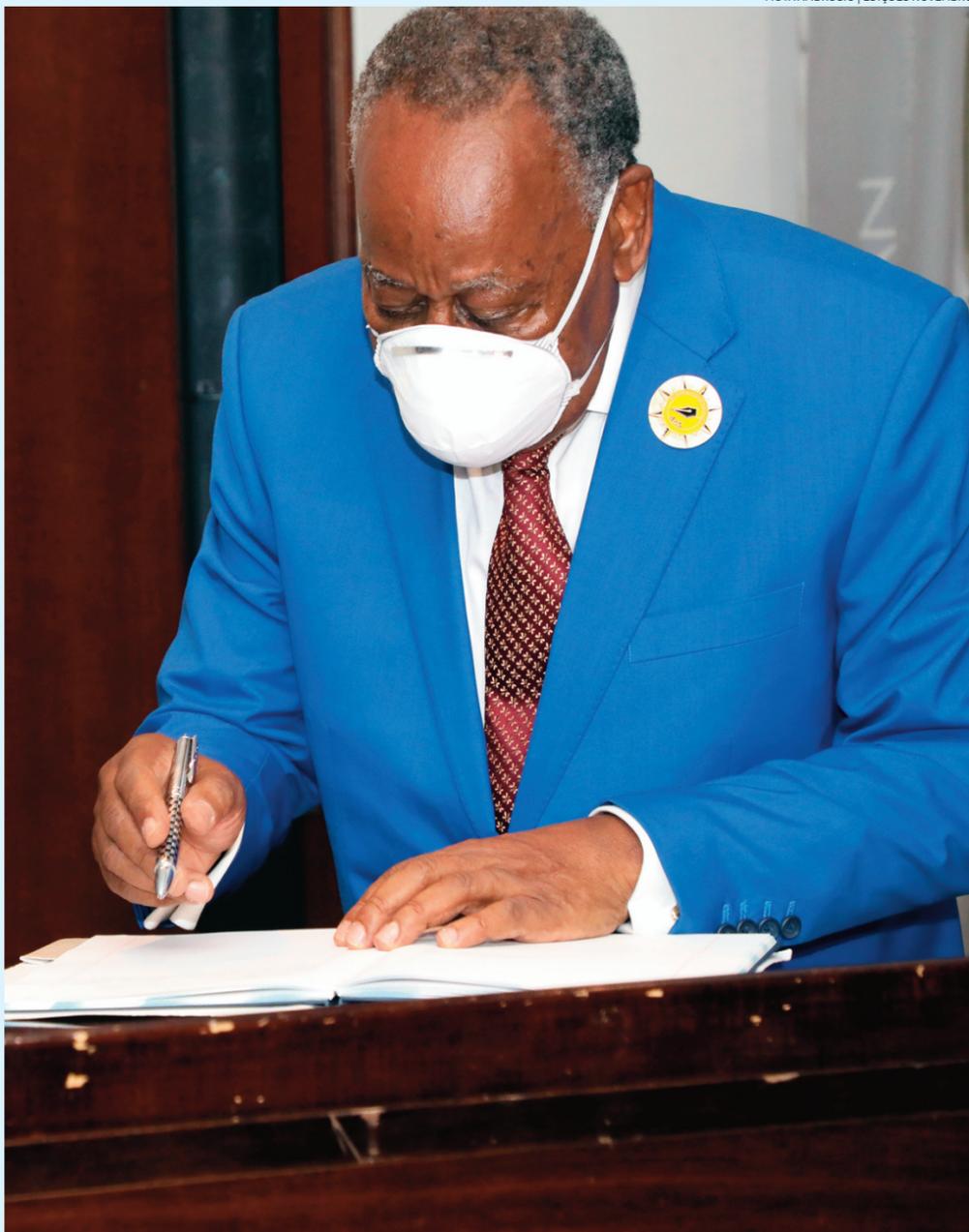
fundamento do estudo e investigação da literatura nacional.

O percurso inicial da AAL, disse, serviu para consolidar as bases. “Fizemos o possível dentro dos condicionalismos e contexto em que o país vive, que influenciou negativamente no programa de acção do primeiro mandato”.

O processo eleitoral na AAL foi feito em Assembleia Geral Extraordinária e contou com uma única lista, que obteve 16 votos a favor. O novo corpo directivo é constituído, além do presidente Paulo de Carvalho, por Filipe Zau (vice-presidente), Fragata de Morais (secretário-geral), Vatomene Kukanda (presidente do Conselho Científico) e António Quino (vogal).

A Mesa da Assembleia Geral é constituída por Artur Pestana “Pepetela” (presidente), Octaviano Correia (vice-presidente) e Albino Carlos (secretário-geral), enquanto o Conselho Fiscal tem como presidente Carmo Neto, Lopito Feijó como relator e Aníbal Simões (Cikakata Mbalundu) como secretário.

A AAL pretende reafirmar-se como parceiro importante do Estado, firmando protocolos com os ministérios da Educação, da Cultura, Turismo e Ambiente, do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação e o Memorial Dr. António Agostinho Neto.



MOTA AMBRÓSIO | EDIÇÕES NOVEMBRO



CATARINA TAVIRA VAN-DÚNEM, DIRECTORA DO CANAL ZAP VIVA

“Convidamos as pessoas a estar em casa de forma segura, informada e divertida”

A caminho de completar o oitavo ano desde a sua apresentação como canal de televisão angolano, o ZAP Viva vem alargando, cada vez mais, o seu leque de programas. A directora da Unidade de Televisão da ZAP, Catarina Tavira Van-Dúnem, desvendou, em entrevista exclusiva ao Jornal de Angola, os meandros da nova grelha de programação, onde os destaques recaem para os programas “Viva em Casa”, cujos rostos são Patrícia Pacheco e Daniel Nascimento. Outra das inovações é o programa de humor “Tuneza no Cubico”. Entre desafios e projectos, este mês de Junho entrou em cena outro pacote da grelha, dedicado a crianças

Ferraz Neto

O Zap Viva tem uma nova programação. Até que ponto foram profundas as alterações?

Com o início da pandemia mundial, entidades como a Zap perceberam, de imediato, que uma nova forma de fazer comunicação social tinha chegado. Isto porque a audiência, da noite para o dia, também adoptou novos hábitos de consumo de TV, rádio, media. Segundo o estudo realizado em Abril, pela empresa de estudos de mercado MIRA, mais de 90 por cento da população começou a assistir a mais programas de notícias! O ZAP Viva tinha uma grelha quase 100 por cento de entretenimento... e apesar de continuarmos sem produzir telejornais, achamos que o entretenimento que fazemos podia ter um “upgrade”, no sentido de fazermos entretenimento “com informação”. Quer dizer que podemos informar, educar e partilhar informação de uma forma descomplicada, mas ao mesmo tempo interessante e pertinente, nesta altura. E penso que o estamos a fazer de forma exemplar. Ainda no seguimento desta nova linha editorial, fazia todo o sentido produzir rapidamente novos cenários, surgir novas parcerias de apresentadores, novos locais de gravação; como o programa do final

do dia “Viva em Casa” com a Patrícia Pacheco e o Daniel Nascimento, “Tuneza no Cubico”, que está muito interessante por ter iniciado as gravações em directo da varanda da própria “Bolinha”! E sem esquecer a Stela Carvalho que ganhou um cenário desenhado à medida da sua personalidade, num horário diferente, mas para um público que se identifica com a Stela mulher, mãe, esposa e profissional.

Já há resultados desta alteração de grelha?

Sim. As audiências que identificamos nos nossos sistemas são de facto muito boas. Estamos atentos também às redes sociais que são, sem dúvida, outro barómetro de audiências, principalmente nos dias de hoje com o aumento do uso da internet, assim como os feedbacks que temos recebido de colaboradores, agentes, assistentes de loja e outros por todo o território nacional, o que muito nos orgulha.

Uma das principais apostas é a actualidade. Já se pode falar em cobertura nacional para este segmento?

Há algum tempo começámos a dar os primeiros passos em conteúdos de “não entretenimento”, com os programas “Estrelas ao Palco” e “BAI Dança com Ritmo”, que se enquadram na categoria de “Grandes Forma-

tos”. O canal ZAP Viva estreou novos programas de actualidade em Novembro do ano passado, juntando ao programa de debate “Visão Actual” os programas “É Notícia” e “Kiosque de Imprensa”. Fizemos questão de não os definirmos como serviços noticiosos por ainda não termos equipas em território nacional, ou redacções imensas com profissionais, estruturas e equipamentos à altura. Contudo, e assim como o entretenimento, aspiramos fazer um caminho de aprendizagem, de consistência e maturidade, preparando equipas de profissionais que já estão a realizar trabalhos de grande qualidade e com impacto junto à nossa audiência. A visita do Papa Francisco a Moçambique, em Setembro do ano passado, onde o ZAP Viva esteve três dias, em Maputo, com emissões especiais em directo, é um exemplo disso, assim como o Especial 1º de Maio ou o programa “Números Covid-19”, o novo programa que fornece a evolução estatística sobre a Covid-19 em Angola e no Mundo, com acompanhamento em directo das conferências de imprensa protagonizadas pelo Ministério da Saúde, que decorrem todos os dias pelas 19 horas. Tudo isto é informação e um caminho sustentado para o futuro desta área.

Mudanças na grelha continuam até final do ano

Uma das grandes marcas do Zap Viva é o programa “No Cubico dos Tuneza”. A nova grelha de programas traz mudanças nesta área. Pode explicar melhor as mudanças efectuadas?

Complementando a minha resposta atrás, “No Cubico dos Tuneza” também sofreu alterações, na sequência da situação actual que vivemos. Julgamos importante aproveitar estas referências de televisão para apoiar a população a estar e a ficar em casa, aliando o humor com informação importante. Toda a grelha do canal foi pensada nesse sentido, não apenas para abordar de forma pertinente este tema da pandemia mundial em todos os programas, mas também emitir pequenos conteúdos didácticos ao longo da grelha. Para o efeito, estamos em contacto com produtores de conteúdos de valor não só em países de expressão portuguesa, como um canal no Japão que faz documentários de referência mundial e que são transmitidos nas maiores cadeias televisivas do mundo. As mudanças da nossa grelha vão continuar a ocorrer até ao final do ano com muitas novidades, especiais, programas de saúde e entretenimento para toda a família, convidando a população a permanecer em casa de forma segura, informada e divertida.

Qual é a estratégia do ZAP Viva para continuar com a audiência em alta, face ao visível crescimento das medias digitais?

Acreditamos no futuro, nas novas tecnologias e na rapidez com que estas se vão desenvolver. Contudo, a produção de conteúdos há-de continuar a ser uma necessidade também para este futuro tecnológico. Por isso, estamos a preparar caminhos, e, mais importante: equipas capazes de produzir conteúdos de qualidade, quer para as plataformas digitais, quer para os canais de televisão enquanto existirem. Costumo dizer que o “céu é o limite”, por isso, não vejo limites na nossa capacidade de produção enquanto tivermos a habilidade de sonhar a aspirar cada vez mais alto.

Nesta época de quarentena domiciliar, muitas crianças esperam mais dos canais televisivos. Fale-nos da programação infantil ou Clube Z?

A grelha do Zap Viva adaptou-se, desde que entramos em quarentena, ao nosso “target” infantil, por isso reforçámos a programação infantil, habitual nas manhãs do ZAP Viva durante o fim-de-semana, com a emissão de uma hora diária dos melhores programas infantis do Clube Z, de segunda a sexta-feira. Durante esta ho-

ra, escolhemos 30 minutos de jogos didácticos com crianças e 30 minutos de desenhos animados. Preparamos uma grelha incrível para o mês de Junho, pensando em especial nas nossas crianças que estão confinadas em casa há já várias semanas.

Daniel Nascimento e Patrícia Pacheco formam dupla no programa “Viva em Casa”. Qual é a pretensão de unir estes dois rostos sonantes num único programa?

Tendo em conta os resultados dos estudos de mercado e análise das redes sociais, achamos que levantar o “Viva em Casa”, um programa de final do dia com três horas de duração, onde juntamos o entretenimento com informação de pertinência nacional, mas também internacional, faria todo o sentido, juntando estas duas referências da televisão nestas categorias. Ambos são dinâmicos, divertidos, com grande sensibilidade para as questões actuais, das famílias, do género homem e mulher, mãe, pai, amigo. A aceitação do público a esta dupla e a este formato de programa tem sido notória pelo feedback positivo que recolhemos da nossa audiência.

Outro dos rostos que regressou à tela do Zap Viva, com um novo programa, é Stela de Carvalho...

Sim, antecipámos o regresso da Stela umas semanas face ao que havíamos previsto. Ficamos muito felizes por ela conseguir dar início ao seu projecto “O Momento da Blindada”, em que trabalhava desde Novembro do ano passado. A Stela de Carvalho traz o seu lado genuíno, a sua alegria de viver, de abraçar o mundo como ele é, todos os dias sempre muito positiva, e isso nesta altura é, sem dúvida, um conforto para quem está em casa há várias semanas e que já tinha saudades da sua energia.

Novas medias, novos consumidores, novas tecnologias, novas plataformas... Qual é a sua avaliação sobre essa realidade e que conselhos tem para agências e anunciantes?

De facto. Pode ser que voltamos à situação antes da pandemia, mas constatamos alterações de hábitos de consumo, de vida, sociais e de trabalho, de tal forma radicais que estamos a reaprender a fazer o nosso trabalho como se fosse a primeira vez. Não deixa de ser um desafio atingir objectivos de produção de programas mas com menos colaboradores, ao mesmo tempo manter postos de trabalho e, ainda, garantir que conseguimos continuar a ir ao encontro do desejo



do grande público. Penso que os anunciantes são empresas e entidades como nós, nesta altura estão certamente a reinventar-se e a definir novos caminhos... Mas também acredito que este impacto que a ZAP, e o canal ZAP Viva, consegue ter junto à população, vai continuar a manter a confiança dos nossos parceiros e anunciantes.

A grelha actual é de contingência face à Covid-19. A mesma se manterá após o fim do Estado de Calamidade?

O canal ZAP Viva ajusta-se às necessidades das pessoas que nos vêm. Não vale a pena produzir uma programação que interesse apenas à própria empresa ou TV, aliás nunca o fizemos e, claramente, não vamos começar a fazer agora. Satisfazer o nosso grande público é o nosso objectivo. Por isso, apenas quando este der sinais de que necessita de uma nova grelha, então nessa altura ajustamo-nos.

Mesmo no Estado de Emergência, o canal esteve no ar e com programas em directo. Precisaram adoptar medidas de segurança para a protecção dos colaboradores? Quais?

Os nossos colaboradores são, de facto, o nosso maior activo, apesar dos grandes investimentos que foram fei-

“Com o início da pandemia mundial percebemos, de imediato, que uma nova forma de fazer comunicação social tinha chegado”

tos ao nível dos equipamentos de ponta, dos estúdios à imagem das grandes produtoras. Logo que ouvimos as primeiras notícias sobre a chegada desta pandemia a Angola, e ainda antes da declaração do Estado de Emergência, adoptámos rigorosas medidas de segurança, nomeadamente: redução imediata para 10 por cento das equipas a trabalhar em estúdio, exactamente para permitir às equipas de Serviços Gerais, Segurança e Limpeza montar regras de acesso em segurança e processos de higienização dos estúdios e pessoas de forma diária e constante. Actualmente, para entrar e sair das instalações ZAP Estúdios é um verdadeiro quebra-cabeças em termos de segurança, obrigando a que os colaborado-

res de serviço cheguem mais cedo para o efeito. Vários pontos de água com lavatórios foram montados, sob a supervisão de colaboradores que garantem que os colegas não pulam etapas de higienização e segurança. Entra-se à vez, passa-se por um corredor fechado, que higieniza uma pessoa de cada vez, lavam-se os sapatos em tapetes com água e lixívia, vestem-se batas, máscaras e toucas, não esquecendo as regras de distanciamento físico. O próprio convívio entre colegas é desaconselhado. As salas de realização (régies) separam com acrílicos os colaboradores que desenvolvem as suas funções de forma diária, sendo que fazemos questão de lembrar às equipas, diariamente, as regras e as medidas de segurança e prevenção à doença. Portanto, estamos preparados.

Qual é o impacto do ZAP Viva em Moçambique e em Portugal?

O canal ZAP Viva ganha audiência todos os meses, ainda que de uma forma tímida. Naturalmente, os canais internacionais devem ser analisados como canais secundários pelas comunidades de um outro país. Não fazemos publicidade alguma nestes mercados onde estamos, mas, pelo feedback que recebemos nas redes sociais e, no caso de Portugal, pelo feedback da operadora

NOS, estamos com uma óptima performance.

O ZAP Viva vai à conquista de mais mercados?

Esse sempre foi um dos nossos desejos e desafios. Contudo, com a situação actual estes processos não-de demorar a retomar, pois envolvem viagens e contactos com outros operadores que nesta altura também estão a reinventar-se em termos de regras e procedimentos de trabalho.

A caminho do oitavo ano, qual é o segredo do sucesso do vosso canal?

O segredo está, claramente, nas pessoas da ZAP... As nossas equipas são de uma entrega completa, com consciência diária de que apenas com o sacrifício individual e a humildade podemos fazer mais e melhor. É o único caminho para, de facto, conseguirmos superar os desafios. Se conseguissem ver a forma como trabalham em sintonia, sinergia e entrega, ao minuto, todas estas equipas de Gestão dos Estúdios, de Canais, Criativa, Marketing, Serviços Gerais... parece que foram escolhidas a dedo. Claro que não conseguiríamos viver sem os nossos agentes e assistentes de loja presentes em todo o território nacional, o nosso call center disponível 24 horas, sete dias por semana, 365 dias por ano. São também eles que garantem que o nosso sinal da ZAP esteja nas nossas casas com a melhor qualidade e o melhor atendimento. Porque estes 1500 colaboradores entendem que, agora, mais do que nunca, faz diferença pensar na nossa população em primeiro lugar. Estamos juntos e ligados mais do que nunca, mesmo com a distância física necessária.

Quais os vossos próximos grandes desafios?

Os nossos desafios foram adiados até conseguirmos entregar a melhor grelha para as pessoas que hoje estão confinadas em casa. Mesmo havendo um alívio nas medidas de confinamento - até haver uma vacina e/ou tratamento eficaz para a Covid-19 - acreditamos que vai ser ainda um longo período, sendo que ver televisão continuará a ser uma actividade de grande relevo e por isso estaremos deste lado, para garantir os melhores conteúdos em TV com muito entretenimento e informação. Vamos continuar a sonhar, a definir novos desafios, sejam eles para o imediato ou para um futuro próximo. Queremos que Angola continue optimista, que acredite que somos capazes de ultrapassar esta pandemia mundial e que este momento difícil nos faça reinventar uma Angola saudável, produtiva e a pensar em todos, esse é o nosso caminho de hoje.

“TRANSFERÊNCIAS SOCIAIS MONETÁRIAS”

Kwenda com pernas para andar em Cacula

O município de Cacula, na Huíla, foi escolhido para servir de experiência-piloto na implementação do Programa de Fortalecimento do Sistema Nacional de Protecção Social, também denominado Kwenda, que visa fazer “transferências sociais monetárias” às famílias mais pobres. Mas há um “calcanhar de Aquiles”: o município de 136.977 habitantes dispõe apenas de um multicaixa

ARÃO MARTINS | EDIÇÕES NOVEMBRO



Arão Martins | Cacula

Na fase-piloto, mil famílias em situação de vulnerabilidade estão contempladas pelo programa. O número aumenta nas fases subsequentes, segundo a administradora municipal Carmen Duarte.

Maria Bibiana, 40 anos, moradora da localidade de Makuku, vive da agricultura de subsistência. Mãe de dois filhos menores, cultiva na sua lavra milho, batata-doce, feijão e massango. Bibiana confessa que obter dinheiro para comprar peixe, sabão, açúcar e omo é a sua maior preocupação. Ela é uma das contempladas no processo de cadastramento, no âmbito do Programa de Fortalecimento do Sistema Nacional

de Protecção Social, o Kwenda, iniciativa do Governo de Angola para transferências sociais monetárias (TSM) às famílias mais pobres.

A expectativa de começar a receber o benefício de 8.500 kwanzas mensais é grande. “Esse dinheiro, para o nosso contexto, é muito”, reconheceu Maria Bibiana. Além dos viveres de primeira necessidade, ela está preocupada em comprar uma manta por causa do frio.

Vânia Carolina tem 18 anos. Recentemente foi surpreendida pelos técnicos da equipa de cadastramento do Kwenda. Ela conta que é separada do marido. A necessidade de manter os filhos, um dos quais de 3 anos de idade, obrigou-a a enveredar pela venda de mel. Apesar de contar com a ajuda de familiares, que

lhe dão comida, Vânia Carolina passa por privações. “Vivo da agricultura de subsistência. Às vezes fico sem nenhum centavo. Quando vendemos mel o valor conseguido não chega para muita coisa. Não fosse a ajuda dos outros, estaria a passar por mais necessidades”, desabafou.

Tanto Maria Bibiana como Vânia Carolina foram registadas pela equipa do Kwenda, maioritariamente agentes de desenvolvimento comunitário e sanitário, que se desdobrou pelas várias localidades do município da Cacula. A expectativa de receber o dinheiro aumenta a cada dia que passa.

Maria Thombala, 37 anos, posiciona-se para a foto digital tipo passe a incluir no processo para o recebimento do dinheiro. A família deve

estar cadastrada e ter todas as informações obrigatórias preenchidas correctamente. É o que ela fez.

O soba grande da Cacula, Alberto Calundundi, enalteceu a iniciativa do Governo, de atribuir dinheiro às famílias mais pobres. Disse que muitas famílias foram cadastradas. Reconheceu que a análise dos critérios de elegibilidade no processo confere confiança.

Aquela autoridade tradicional informou que muitas mulheres vivem da agricultura, pesca pluvial e continental, com pouco rendimento, acrescentando que outras vivem também da venda do carvão.

No quotidiano o carvão vegetal é utilizado como combustível para fogareiros, churrasqueiras e lareiras.

Explicou o soba grande

que a feitura do carvão requer sacrifício, dado que é preciso paciência, força e coragem. O processo começa pela abertura de um buraco e o corte de árvores. Coloca-se o fogo e o processo de transformação ocorre durante alguns dias. “O fabricante tem de cavar um buraco e cortar árvores frescas a serem enterradas com fogo”, disse.

“Nem sempre há lucro”, afirmou o soba, acrescentando que o Governo, ao atribuir dinheiro às mulheres mais necessitadas, cria renda e combate a pobreza no meio rural.

O soba grande reconheceu que o valor a ser atribuído é uma mais-valia. Cada família, salientou, tem a liberdade de decidir como utilizar o benefício recebido, de acordo com as suas necessidades.



Vânia Carolina tem 18 anos.

Recentemente foi surpreendida pelos técnicos da equipa de cadastramento do Kwenda.

Ela conta que é separada do marido. A necessidade de manter os filhos, um dos quais de 3 anos de idade, obrigou-a a enveredar pela venda de mel

Formação de agentes comunitários

ARÃO MARTINS | EDIÇÕES NOVEMBRO

A **administradora** municipal Cármen Duarte explicou que a administração local e o Fundo de Apoio Social (FAS) formaram 29 novos agentes de desenvolvimento comunitários, para o fortalecimento do sistema nacional de protecção social. Disse que, em termos de focalização, a componente de Transferências Sociais Monetárias está direccionada, sobretudo, para a comuna da Cacula (comuna sede), na medida em que, entre os critérios de eleição, consta a existência, na circunscricção, de um serviço de pagamento automático (ATM), vulgo multicaixa.

Referiu que estão envolvidas também algumas localidades mais próximas, das restantes três comunas, tendo sido definido que os futuros beneficiários não percorram uma distância superior a 30 quilómetros à procura de um multicaixa.

“Na realidade, para além da comuna sede, constam três aldeias da comuna de Viti-Vivali, três da comuna de Tchicuaqueia e duas da comuna de Chituto”, informou Cármen Duarte.

A formação dos agentes de desenvolvimento comunitário é fulcral, tendo essa acção sido precedida do trabalho de focalização da zona de intervenção, que, no geral, englobou um universo de 2.376 potenciais beneficiários nas 21 aldeias.

Além disso, frisou a administradora municipal, foram desenvolvidas acções tendentes à criação de condições para o funcionamento

do centro de trabalho e de processamento de dados produzidos pelos agentes de desenvolvimento comunitário, ao nível da micro área.

A comunicação para a saúde, incluindo práticas de prevenção à Covid-19, o sistema comunitário de higienização domiciliar e o diálogo comunitário tendo como base a melhoria da interacção e a busca de soluções para os problemas locais, foram alguns dos conhecimentos transmitidos.

A administradora Cármen Duarte sublinhou os desafios que se colocam ao processo de implementação do Kwen-da, particularmente, a busca de sinergias para o aumento da oferta de multicaixas, dado que actualmente o município dispõe apenas de um.

Destacou ainda a importância de fazer funcionar o citado equipamento (multicaixa) com maior qualidade, dispondo de dinheiro sempre que necessário, incluindo aos fins-de-semana.

O município da Cacula é um dos catorze que integram a província da Huíla, como resultado da mais recente divisão administrativa do país (Agosto de 2011). Compreende uma extensão territorial de 3.449,75 km² e está situado 87 quilómetros a Nordeste da cidade do Lubango, contando com uma população estimada em 136.977 habitantes. As suas fronteiras estão delimitadas com os municípios de Caluquembe, a Norte, Chicomba e Quipungo a Leste, Quilengues a Oeste e Lubango a Sul.



CONCERTO

Livongh e Ivan Alekxei cantam para a solidariedade

Roque Silva

Os cantores Ivan Alekxei e Livongh realizam hoje, a partir das 17h00, um concerto live, de cariz beneficente, para apoiar lares da terceira idade e orfanatos.

O concerto terá a duração de duas horas e será transmitido em directo na TV Zimbo, nas páginas oficiais dos dois cantores, nas diversas plataformas digitais, e no portal Platina Line.

Os cantores vão interpretar temas de sua autoria e apelar à solidariedade dos telespectadores para fazerem contribuições monetárias ou doarem cestas básicas, que serão revertidas para casas de idosos e de crianças carenciadas.

No concerto, serão interpretados 20 temas, 10 por cada um dos dois anfitriões. Constan ainda do repertório,

temas de artistas de referência na música angolana, que marcaram várias gerações.

As performances terão o suporte de uma banda integrada por músicos nacionais.

Ivan Alekxei disse, em entrevista ao Jornal de Angola, por telefone, que o propósito é aliviar as dificuldades por que passam os mais carentes, por força das restrições impostas para evitar o contágio e a propagação da Covid-19.

Segundo o músico, os lares e orfanatos para os quais os bens adquiridos serão entregues ainda não estão identificados. Mas esclareceu que todas partes envolvidas na realização e produção do concerto estão a estudar os locais.

“Essa é a nossa pequena contribuição para ajudar quem precisa, numa época difícil para todos, causada pelo surgimento da Covid-

19”, referiu, acrescentando que cada é chamado a fazer a sua parte, como poder.

Os artistas

Ivan Alekxei iniciou a sua carreira artística profissional em bares nocturnos, onde lapidou os dotes vocais e de execução de violão. Gravou um EP, com publicação exclusiva nas plataformas digitais. Sem grande divulgação. Deu sequência à carreira de artista de bar e, mais tarde, o seu nome passou a figurar entre os artistas mais promissores da nova geração, com o lançamento do álbum “Meu Chão”, em 2019, tendo sido o seu talento colocado à prova após ter recebido elogios da crítica em 2018, com a divulgação do tema “Meu Kota”. Ivan é compositor, intérprete e produtor de kizomba, semba, rumba e balada.

Livongh é intérprete, com-

positor, instrumentista (tecladista) e produtor musical. Nesse último campo, tem optado pela criação de balada, kilapanga, kizomba e salsa, mas é conhecido pelos êxitos na composição de cola-semba, fusão entre o semba moderno e a coladeira (Cabo Verde). Temas como “Maria do Castelo”, “Cola Semba” e “Kizomba na passada” são alguns exemplos da qualidade do seu trabalho. As suas impressões digitais figuram, também, em vários projectos musicais, como teclista e corista, de Elias Dia Kimuezo, Jacob Desvarieux, Eric Virgal, Yola Semedo, C4 Pedro, Anselmo Ralph, Mamboró, Sam Mangwana, Ary, Paulo Flores, Eduardo Paim, Fly, Calabeto, Robertinho, Cristo, Karina Santos e Dias Rodrigues.

Com dois discos no mercado, nomeadamente “Meu



Mundo”, publicado em 2012, e “Kizomba na Passada”, 2018, Livongh tem ainda no seu currículo a produção musical da rapsódia dedicada

ao Carnaval de Luanda, apresentada na XIX edição do Festival da Canção de Luanda, da rádio Antena Comercial (LAC), realizada em 2016.

Taxistas na boca do mundo

O exercício da actividade de táxi beneficia o grosso da população, que não possui meios próprios para a deslocação a longas distâncias. Os benefícios tocam quer utentes, no caso os passageiros, quer o município, os proprietários, motoristas, cobradores, lotadores e respectivas famílias. Quando o denominador comum, no caso o meio de transporte, fica inoperante, as partes têm quebras, o que é mau

Guimarães Silva

A greve dos taxistas e motoqueiros de Cacuaco, faz tempo, estava na boca do mundo, com anúncios, inclusive na média, que apresentou as razões do braço de ferro entre utentes de táxis e a administração local, num crescendo de acusações de parte a parte. O cruzamento de informação entre as duas entidades foi algo pouco abonatório porque as mensagens transmitiram mais amargos de boca.

O pomo da discórdia, até ao presente, tem sido o desvio da rota habitual dos taxistas, que agora são obrigados a entrar pela estrada da Cerâmica e de imediato virar à direita para o Bairro dos Imbondeiros, depois o condomínio da Ecocampo e sair frente às bombas que têm o símbolo de um felino.

A nova rota surpreende porque o piso é impróprio para grandes movimentações, não está preparado, é poeirento, sem condições de segurança e propício a assaltos, o que já aconteceu. Um camião cisterna afecto à administração municipal borrifou o troço sábado passado, 6 de Junho.

O desvio que desanuvia o trânsito na via expresso Kifangondo-Luanda tornou-se, em pouco tempo, um incómodo para a população, moradores sobretudo, que sem aviso prévio é forçada a conviver com o risco de atropelamento, poeiras e o

barulho da movimentação de um sem número de viaturas ao minuto.

Um dos pontos mais críticos da nova rota está, precisamente, na saída do Bairro Imbondeiros e entrada para a Ecocampo. Com pouca visibilidade, advinda de dois quarteis com muros, torna-se um risco para a travessia de crianças.

O dia D

Segunda-feira, os taxistas afectos à Associação Nova Aliança dos Taxistas de Angola (ANATA) partiram para a decisão de parar. Ao longo de dois dias, parte da via expresso, na vila de Cacuaco, ficou às moscas, sem os habituais azulinhos na via. Com paragens apinhadas de gente, a população necessitada teve como recurso os autocarros, públicos e privados, e os motoqueiros que furaram a greve, num acto pouco claro.

Entretanto, quinta-feira a coisa ficou feia. Perto de duas centenas de taxistas pararam e perfilaram as viaturas ao largo do famoso tanque de água de Cacuaco.

As vozes dos homens que transportam milhões de pessoas por ano clamavam pela resolução imediata do diferendo. Contudo, o negativo reside no facto de impedirem a livre circulação das demais viaturas, com vistorias para a caça de algum fura-greve. Cacuaco apresentou um cenário desolador, com centenas e centenas de pessoas a caminhar a pé de/para casa.

De volta à estrada principal

Os taxistas que fazem o percurso da vila de Cacuaco para outras zonas da cidade de Luanda voltaram a circular, esta sexta-feira, na estrada principal do município, depois de impedidos desde segunda-feira, mas continua a proibição de fazerem paragens debaixo da pedonal azul e na zona do tanque.

O administrador municipal de Cacuaco, Auxílio Jacob, citado pelo Jornal de Angola na edição de ontem, disse que o conflito com os taxistas

está ultrapassado e estes voltam a circular no casco urbano, tendo alertado que o carregamento e descida de passageiros passa a ser feito junto à fábrica de vinho e à Igreja Católica.

Segundo Auxílio Jacob, estão a ser criadas as condições para que, dentro de um mês, os taxistas de Cacuaco possam ter uma paragem definitiva para fazerem a carga e descarga de passageiros sem que causem transtornos aos demais veículos que circu-

lem na rua principal do município.

“Somos munícipes daqui de Cacuaco, sabemos que o senhor administrador quer o bem no município e, por isso, está a trabalhar para organizá-lo, mas é preciso acautelar as condições das vias, porque além de danificarem as viaturas, também constituem um perigo para a segurança da população”, disse Estrela Maurício, porta-voz da Nova Aliança dos Taxistas Angolanos, mostrando-se satisfeito.

